



No Batalhão de Guarda Presidencial, servem 110 soldados nascidos aqui. Eles são observados com cuidado para que seja traçado o biotipo do soldado brasileiro. Uma característica comum entre eles: não trocam Brasília por nenhuma cidade

Cidade é consolidada por brasileiros

ARTHUR HERDY

Com 22 anos de existência Brasília, que nos primeiros anos tinha a maior parte de sua população originária de outras regiões do País, — chamados de “estrangeiros” — hoje, está mudando esta característica: 31,38 por cento de seus habitantes são brasileiros natos, número que corresponde a 368,391 pessoas. Por região, o brasileiro já é maioria na cidade, vindo depois os mineiros, com 167,228 e goianos, com 123.174. Entre os brasileiros, os homens são maioria: 187.045 contra 181.346 de mulheres.

Com um crescimento populacional médio de oito por cento ao ano segundo as estatísticas, dentro de seis ou sete anos o brasileiro será maioria absoluta em sua cidade. Para o secretário

de Serviços Sociais, Haroldo de Castro, “em termos de cidade esses dados significam a sua consolidação, com a sua geração de brasileiros natos delineada”.

Mas além dos números e das estatísticas, uma outra coisa está mudando na cidade: a imagem e a mentalidade de seus habitantes. Já não se fala mais que Brasília é uma cidade sem esquinas, sem calor humano, fria como o concreto de seus “majestosos” prédios públicos e do mármore de seus palácios. Pelo contrário, forma-se um sentimento até certo ponto bairrista, de lutar pela imagem da cidade.

A geração dos transferidos, os funcionários públicos que vieram do Rio de Janeiro na época da mudança da capital, está incor-

porada na vida da Brasília e, muitos deles, cariocas, que sofriam a nostalgia do mar “e não viam a hora de voltar para o litoral”, hoje são os maiores defensores da cidade.

É certo que a geração de brasileiros ainda é bastante jovem e, do total, 49 por cento tem entre 0 e 19 anos de idade. O brasileiro mais velho, tem, no máximo, 26 anos. Isso representa que é possível que exista a segunda geração brasileira. Uma criança, filha de pais nascidos em Brasília, na época de sua construção.

BIOTIPO

Os quartéis recebem atualmente grande número de brasileiros, ao contrário de anos anteriores quando todo o efetivo era originário de outros estados, pois o Distrito Federal ainda não

tinha jovens com a idade exigida, 18 anos de idade.

No Batalhão de Guarda Presidencial — BGP, em sete grupamentos, servem 110 soldados brasileiros natos. Em um desses grupamentos foi feita uma ficha de cada soldado nascido em Brasília com seus “dados de qualificação”, ou seja, a filiação, hábitos, características físicas, nível de escolaridade, etc, com o objetivo de se traçar um “biotipo” do brasileiro que serve o Exército.

Castro, Germano e Xavier são três soldados nascidos em Brasília, dois, em cidades-satélites e o outro, no Plano Piloto. Entre as características homogêneas dos três, em termos sociais, eles provêm de famílias de classe média. Sem doenças, com nível de escolaridade acima do primeiro grau,

sem nenhum curso profissionalizante, católicos e nunca experimentaram tóxico. Os três estudaram em escolas públicas. Dois, nasceram em hospitais e um, em casa. Outro ponto comum: nenhum deles tem título de eleitor.

Germano é descendente de Paraibana casada com mineiro. Xavier e Castro têm os pais de mesmo Estado. O pai de Xavier, funcionário público veio para Brasília transferido, de Maceió, Alagoas, os pais de Germano e Castro, vieram atraídos “por um vida melhor na cidade grande”.

Questionados sobre o que achavam de Brasília, os três disseram que não a trocam por nenhuma outra cidade do mundo. “Eu curto Brasília e quero continuar a morar aqui. Acredito que meu futuro está nessa terra

imaginada por Dom Bosco. Creio, com toda convicção, que me darei bem em minha vida profissional daqui a alguns anos”, disse Xavier.

Residente na superquadra Sul 106, Xavier foi criado no Plano Piloto. Estudante do 2º grau, ele pretende fazer vestibular quando “der baixa” e concluir o seu curso. Sem habilitação ou curso profissionalizante, ele nunca trabalhou e sempre foi estudante. Classe média, ele afirma que a família vive com relativo conforto, em uma boa quadra da Asa Sul.

Segundo afirmou o major Caldas, chefe da seção de pessoal do BGP, ainda não deu para se traçar um “biotipo” mais apurado do brasileiro que serve o Exército. “Mas já foi possível delinear algumas características básicas”, disse.

PESQUISA

Para o secretário de Serviços Sociais, Haroldo de Castro, os dados sobre o brasileiro, fornecidos pelo IBGE, de que ele já é maioria em sua cidade, representa um alerta para uma tomada de posição a nível de governo, das necessidades dessa população nova, com sua visão própria e formada em Brasília.

“O que eles querem? Quais são suas carências e necessidades? Quais suas expectativas? Há que fazer uma pesquisa aprofundada em cima dos dados existentes para se tomar uma posição a respeito”, diz o secretário.

Haroldo de Castro garante que o Governo do Distrito Federal não só a Secretaria de Serviços Sociais, está

totalmente enganado nestes dados novos para uma tomada de posição para determinados fatos e variáveis existentes.

Segundo Haroldo de Castro, em termos de educação e saúde, a cidade chegou a níveis excepcionais, o que é estendido a toda população. Mas ele lembra por outro lado, que a cidade extrapolou o número de habitantes previstos e, daí, surgiram alguns problemas principalmente na área social. “Um deles, é a falta de empregos, já que Brasília é uma cidade eminentemente de cunho administrativo”.

Ele admite que o desemprego e falta de ocupações atualmente atingem níveis até certo ponto alarmantes, mas ressalta que o governo está atento para o fato.